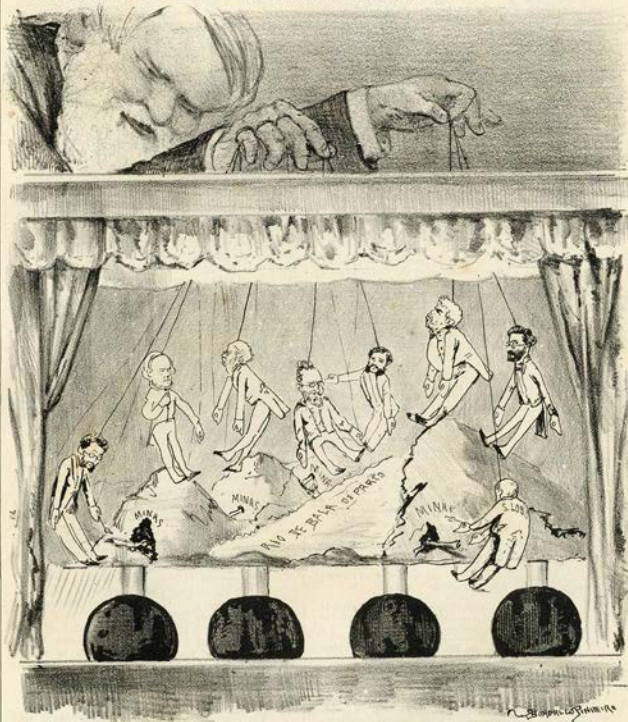


O LUPPI POLITICO.

THEATRINHO DE AUTOMATOS. — (BRASILIAN PARLIAMENT) EM VEZ DE BRASILIAN GARDEN.



O Rio Doce que pode tornar-se em Rio Amargo, porque passa entre as Minas, sobre as quaes os automatos brincam com fogo. Estão a ir, estão a ir pelos ares, e o *Empresario* a rir, a rir e a exclamar: Já sei, já sei. O *Zé-Povinho* é quem não sabe nem do machinismo, nem de nada. Também não é preciso...



Obsequiamos-nos com a offerta de exemplares das seguintes publicações:

Canções romanticas, de Alberto de Oliveira (1877-78). O Sr. Alberto de Oliveira, um dos mais fecundos, originaes e sympathicos talentos da moderna geração, acaba de dar á lume n'um mimoso volume de 120 paginas as suas produções poeticas, publicadas com tanto applauso dos amantes das boas letras na *Gazeta de Notícias*.

As *Canções romanticas* primam sobretudo pela originalidade, pela correção de forma e pelo grande sentimento poetico que abundam em todas as suas paginas.

No proximo numero occupar-nos-hemos detidamente, como é de justiça, com a estrêla litteraria do Sr. Alberto de Oliveira.

O Occidente, n. 19. — Este numero vem magnifico: traz a scintillante *Chronica occidental*, de Guilherme de Azevedo, um engraçado artigo de Julio Cesar Machado e uma bellissima versão do *Sapo*, de Victor Hugo, por Fernando Leit.

Bibliotheca economica, n. 52, 53 e 54. — Está publicando presentemente uma lenda russa de P. J. Stahl, vertida por João Chaves, e o bello romance *Os grilhetas*, de P. Zaccani.

Revista americana, n. 2. — Afêra varios artigos sobre historia, lingua vernacula, medicina, ciencias naturaes, chronica, romance, etc., contém este numero uma analyse dos *Cantos tropicaes*, de Theophilo Dias, a quem se faz inteira justiça.

O phanographo, n. 3. — E' credora esta publicação scientifica de todos os nossos emoras pela variedade e escolha de seus artigos.

Revista academica, n. 3.

Revista industrial illustrada, n. 16.

Journal do povo, programma — 1 —

Invitation pour le concert vocal et instrumental donné par la société chorale française.

Eurico, drama lyrico em 3 actos, musica do maestro portuguez Miguel Angelo Pereira.

Relatorio da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia apresentado pelo irmão ministro, o Sr. Comendador Bernardo Affonso de Miranda.

O numero 11 do anno 16^o do *Journal das Familias*, de que é editor o infatigavel Sr. B. L. Garnier.

Traz umas anedoctas (?) do Dr. Moreira d'Azevedo. Agradecemos.

Pedimos aos nossos assignantes em atraso o obsequio de mandarem satisfazer as suas assignaturas vencidas em 30 de septembro proximo passado.



O banquete imperial.



onsta das publicações diarias que S. M. para celebrar, no doce e tepido aconchego da familia, o anniversario natalicio do rei de Portugal, digno-se dar de jantar ao conselho de ministros, ao ministro portuguez, ao secretario da legação portugueza, ao camarista e veador de semana, á dama de s. m. a imperatriz, ao mordomo e ao reverendo conego cura

da capella imperial.

Para isso ordenou S. M. ao seu cosinheiro que augmentasse o numero dos augustos perús, ordem que—digamos de passagem—não mereceu inteira approvação do economico Sr. ministro da marinha.

Referem mais os diários que S. M. levantou o seguinte brinde: A S. M. El-rei de Portugal, meu muito amado sobrinho.

Bem sei que nem a Constituição nem a Moral impediam S. M. de usar umas figuras de rhetorica—á sobrezeza; porque enfim S. M. que é poeta, e dos bons, não deve gostar muito que as hyperboles e as inarquezias so lhe sejam permitidas duas vezes ao anno: *Augustos e dignissimos*, etc., etc., *está aberta a sessão* o *Augustos e Dignissimos*, etc., etc., *está fechada a sessão*.

Mas não, não pôde ser.

Isso lá tem cabimento!

Pois S. M., o maior sabio do universo, havia de incommodar o Sr. Sinimbú, o Sr. Gaspar, o Sr. Leoncio, o Sr. Andrade, o Sr. Lafayette, o Erval, o Sr. barião... barião... barião de qualquer cousa, o ministro portuguez, o secretario da legação, o camarista, o veador, o mordomo, o conego, a dama de s. m. a imperatriz—uma senhora!—dezeseis pessoas ao todo, para, ao cabo de um bom jantar, quando as imaginações mais se alewantam, dizer simplesmente uma velha banalidade burgueza—*á saude de quem, hoje de nós, de nós se lembra*—a S. M. El-rei de Portugal meu muito amado sobrinho?

E' impossivel!

S. M. fallou em puro francez de Boileau, n'aquelle francez dos eruditos do Instituto de França; e o que S. M. disse foi:

— Messieurs et mesdames, je profite de cette occasion, comme à l'autre jour, dans ma lettre, pour boire à la santé de Sa Majesté le roi de Portugal, mon très-aimé neveu! Je suis très satisfait avec mon neveu; c'est un bon garçon!

Ao que o Sr. Erval acudia, glorioso:

— A' la raison de la même!

Ou então S. M. usou da linguagem dos deuses e da *Bandeira estrellada*:

Bombas a estourar,
Raios a brilhar,
Prova á noite dar
Da bandeira ahi estar.

E' o que havia de ser, naturalmente.
 Por isso muito ajustadamente dizia de S. M.
 o malogrado Barreto Bastos, de honrada fama
 e gloriosa memoria:
 S. M. é muito profundo;
 Sabe nadar e vae ao fundo.

CHARBOVARY.

Fabula a vapor

Braz viaja e no campo escuta um urro!
 Raivoso um touro vê. Sem mais conselho,
 Prompto apcia-se, e occulto sob o burro
 Diz: Não! Morrer por morrer
 Morra meu pae que é mais velho!

MARCÓ BOMBA.

Quem inventa?



As duas cousas neste mundo que
 me fazem mal, aturar um livro
 de maus versos, e ouvir um calembourg.
 A's vezes, sempre
 que me cahe nas mãos um dos
 taes livros, ou dentro dos ouvidos
 um calembourg, jámais alguém
 pôde fazer uma idéa do estado
 em que fico.

Um dia ouvi um calembourg.
 Foi tremendo! Fiquei immovel
 por muito tempo como D. Bartolo com a pitada
 entre os dedos; jurei fugir, partir depressa diante
 do espectro do calembourg e viver n'um logar
 onde ainda não fosse conhecido aquelle vicio.

Afinal não parti porque já elle estava co-
 nhecido em toda a parte do mundo, na Polynésia
 inclusive!

Deixei-me ficar, e com precaução andava
 com algodão nos ouvidos, esgueirado, fugindo
 ás portas dos cafés, ás redacções e ao Castel-
 lões, fugindo enfim á esses focos e ia bem;
 engordava, ria-me já, tinha umas boas phrases
 de espirito convalescente, quando a semana pas-
 sada li o *Tutti Futi!*

Li o *Tutti Futi!* e o que é mais, li um
 calembourg. Mas então era horrivel porque o
 folhetinista preparava o espirito do leitor, cha-
 mava a attenção, insistia, puchava pelos punhos
 amarrotava a camisa e depois... mostrava-o.

E' a historia da *sombra...* não sei o que... a
 proposito da opera *Dinorah*.

E estou doente, nervoso, julgo-me uma pa-
 thologia inteira e ando com vontade de presen-
 tear-me como uma cousa nulla e incapaz a um
 medico.

Ora tem-se inventado tudo! tantos pôs con-
 tra pulgas e mosquitos, tanta agua milagrosa!
 já se inventaram os pôs de Manoel Lopes, e não
 se inventa uns pôs ou uma agua, mesmo sem
 ser benta, contra o calembourg?!

Quem inventasse merecia todos os premios
d'encouragement do mundo, e um abraço meu!

LEBIORE.

Senhor Jornal do Commercio.



Besouro, nós, eu temos um pe-
 queno defeito ou habito, que
 de certo se fosse em V. S. seria
 um vicio; no entanto para nós
 é um velho antigo e inveterado
 costume.

Este costume, que tomos
 ser muito proveitoso, é simples-
 mente o sermos delicados.

Muita gente tem conside-
 rado a delicadeza de muitos
 modos, os britannicos exercem-a
 de um modo excessivamente
 exquisito. V. S. não a exerce

de modo excessivamente nenhum, porém dirá
 que cada um faz o que quer em sua casa.

Nada, não senhor; o Jornal não pôde deixar
 de ser delicado, sim porque bem pensado V. S.
 Sr. Jornal o que é?

— Nada.

Pois muito bem, e damo-lhes os parabens
 se algum dia tiver a lucidez de *pensar-se* tão
 acertadamente.

Agora o que convém notar é o seguinte:
 quem é tão manifestamente coisa nenhuma,
 quem só tem valor collocado *arroladamente* á
 direita de uma unidade, como uma mulher este-
 stupida á direita de um homem ainda mais estu-
 pido, não toma esses ares que V. S. toma; esse
 dogmatismo de senador e essa petulancia de
 marialva da imprensa; toma antes um lugar estre-
 ito e incommodo nas baneadas de segunda
 ordem, ali fica, como um pequeno ser vegetal,
 remecheando-se muito, coçando-se com ares pre-
 guicosos e manifestando a sua presença aos des-
 trahidos, que passam, com longos e insolitos
 bocejos.

E d'ahi se V. S. não quizer o nosso con-
 selho, se não quizer ser um pouco mais deli-
 cado; aos sabbados quando passar-mos quietos e
 com o nosso espirito preoccupado com alguma
 idéa, ou não nos diga nada, ou não solte esse
 aborrecido bocejo:

*Temos o numero tal do Besouro, semanario
 critico e illustrado!*

Quando se boceja diante de gente leva-se o
 lenço á bocca; bocejar muito e repetidas vezes
 é por demais inconveniente.

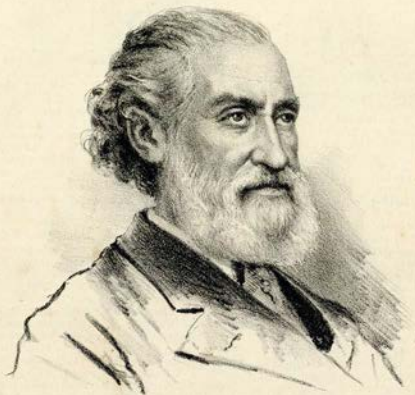
Sr. Jornal o que ahí está dito não é do
 conselheiro Acaacio. Esqueça-se de nós e lembre-
 se do conselheiro, que o deve apreciar sobre-
 modo...

JULLÃO

Epigraphe

Na noite do beneficio de um actor que repre-
 sentou o Kean, os seus empregados entre os
 ornatos que fizeram no camarim, escreveram o
 seguinte:

Dum Calcei habetis, credite in calva.



MAESTRO NORONHA.

Temos como religião applaudir tudo que é talento, força de vontade e trabalho, synthese das conquistas da intelligencia. E' por isso que applaudimos Noronha. O seu *Carnaval de Lisboa* é um poema de saudades, um encanto que faz pensar em tempos que passaram. Sculptram-o a intelligencia e o coração.



ALVARO PINHEIRO

O Dr. Zepherino Candido é um positivista; mas não tanto que não tivesse a *phantasia* de querer ensinar a lêr... e a começar p-la *Gloria*.

A *Gloria* sabe sempre lêr; pergunte-lho, para ouvir como responde: *Já sei, já sei*. Ainda te ensinasse a escrever... lá estava o Hudson com a penna de ouro.

Como é variavel a fortuna artistica! N'um dia — o entusiasmo; n'outro — as decepções.



Tamagno, triumphador de hoje, uma voz que vai longe, um *tenorio* applaudido como deve sê-lo, com ou sem funil. Colhe bravos e bravos, que acompanhamos com prazer. Mas cautela e olhos...

... no Leimi, que foi tambem querido, e a quem o publico diz hoje: cantaste? pois dança agora.

A vida do artista é sempre a fabula da cigarra.



Não se applica, porém, ao Bassi, que se pôde alargar sem perder a voz e arrebetar. E' bem bom.

O que tambem não é mau é cantar por escripto como Alberto de Oliveira e Theophilo Dias, á beira de um lago, com uma subvencão de luar, alimentando-se de sonhos, enquanto nós... comemos pedras lithographicas para alargar a barriga. Felizes os românticos!

Pouco rizo.



humanidade possui uma porção de actos para suas diversas manifestações; esses actos, pela maior parte reflexos, reponsam n'um incitamento externo, que os provoca, communicando-lhes uma certa acção variavel e mais ou menos intensa.

Assim é por exemplo o rizo na sua expressão positiva; physiologicamente elle produz-se por uma contração espasmodica e involuntaria do diaphragma; uma inspiração curta succede a uma expiração mais ou menos prolongada, acompanhada por um ruido especial produzido pelas cordas vocaes. E' assim que o explicam os livros de physiologia; o incitamento externo, que o provoca é sem contestação o comico.

Ora o comico tem uma forma de absoluto, uma generalisação relativa com aquella parte, que o faz, isto é, com aquella parte da humanidade, que é comica; forma dali uma especie, constitue uma familia.

Si o comico é uma manifestação sublime da natureza, si é uma manifestação de tristeza o tedio, é questão de interpretação, que pode variar para enla um, conforme o temperamento ou as circumstancias.

Para mim que não sou apathico, que não tenho o fígado do tamanho de um feto, é uma manifestação esplendida, e acho que o rizo deve vir como a sua unica verificação.

Entretanto tem-se considerado desrespeito o rir: é que o codigo do Bom-Tom, que tem pouca physiologia, decretou uma escala chromatica para o rizo; d'ahi a gargalhada, a hilaridade, enfim uma infinidade de formas, e, ainda mais, taxou a tudo isto de inconveniente; nos homens que fazem rir de pobres diabos, nos que riem de pouco educados.

Faço todas estas reflexões, porque sempre vejo nas sessões da assembléa provincial uma porção de *hilaridades*, recorrendo as finaes dos paragrafos de muitos discursos. Conclui que os senhores deputados pediam ter muito bom humor perante a physiologia, mas tenham paciencia; perante nós são muito comicos, e perante o codigo do Bom-Tom são mal educados.

Menos rizo.

HOP-FROG.

Anuncio gratis

Deve apparecer brevemente mais um jornal hebdomadario, publicando-se aos sabbados como o *Besouro* e destinado a ser o primeiro entre nós... que trata de muzica exclusivamente: é a *Revista Musical*.

Anunciando-se, disse o collega por vir: « Não nos arreioamos... etc. e tal, as chapas do costume.

Mas é modestia, para modestia, de quem falla de si.

VIOLENO.

Definição

Rigoletto é um buffo, da opera de Verdi.

O seu traço principal é não ter coragem para ferir de frente, assalaria, falla pelo dinheiro ás paixões ruins. O seu fim é este: ver a filha morta pelas mesmas paixões ruins a que fallou.

EFFENDI 2.^o

Encontramos na caixa a seguinte carta, que decerto veio transviada e sem *post-scriptum*.

A calligraphia era má e parecia de mulher; a grammatica estava no entanto bem alinhavada.

III.^o Sr. Prudhomme.

Não sei se V. S.^o sabe que o leio sempre ás segundas-feiras, mesmo porque é justamente este o dia, que tenho por habito fazer um segundo domingo para então descansar da pequena vaiação dos dons ás terças-feiras. Alem d'isso aprecio-o bastante e se não acompanho as suas idéas não é isso motivo para dizer mal de si.

Venho merecer-lhe um pequeno favor, que decerto não recusará tanto mais quando souber a quem o presta; e é, que tendo lido o ultimo ponto do seu bello folhetim do dia 4, onde V. S.^o pedia, que o Sr. ministro acabasse com o chiqueiro, que ha no collegio de Pedro II como acabou com a doutrina, venho por minha vez pedir-lhe, outra coisa mais simples: junto ao seu pedido mais este: que o Sr. ministro acabe com os bachareis.

Far-me-ha n'isso um pequeno favor?... nem imagina!

S***

Pilherias de El-Rei Pilheria



O rei Pilheria, que andava a viajar ao redor do mundo, lembrou-se certa vez de ir assistir a uma sessão da Academia da Patagonia, da qual era muy digno lustre e ornamento.

É loi.

Recebido com todas as honras ao estylo, el-rei entolou um pequeno *caraco* com os seus illustres collegas, para mostrar que o sol não gyrava á roda do mundo.

Um velho academico, graça-ndo, perguntou-lhe como era que, escondendo-se o sol todos os dias no occidente, tornava na manhã seguinte a apparecer no oriente.

El-rei responde muito depressa:

— Ora! ora! ora! grande difficuldade! E' porque elle torna para traz pelo mesmo caminho; se o não vemos passar, é porque vem de noite.

A certo conselheiro, que se arreceiava da sua viagem á provincia, porque os seus ministros podiam aproveitar-se da sua ausencia, tornou el-rei Pilheria:

— Até que elles se ponham de accôrdo entre si, eu hei de estar de volta.

D. JUAN CARAPITONES.

No que fez bem.



s folhas da semana passada dizem nos bem elaborados noticiários que uma mulher, X*** digo eu, suicidou-se ou tentou fazel-o, ingerindo uma porção de verde-pariz, por estar desgostosa com a vida, que levava.

Ora, o verde pariz é uma formula velha e antiga para a gente conseguir o seu fim, tão velha que de verde-pariz que é, já vae sendo um maduro...pariz; talvez seja por isso que o publico

faz sempre um sorriso quando pelas suas bellas manhãs, em diversão de espirito com a leitura dos factos diversos, depara com a consagrada fórmula, que está velha e uzada.

A respeito do suicidio tenho ouvido contar muitas conzas tetricas, muitas conzas, que fazem vir lagrimas nos olhos, e muitas conzas engraçadas; entretanto o facto de uma mulher dar cabo de si, com uma libação de verde-pariz, por que está desgostosa com sua vida, é tão extravagante, excêntrico, exquisito, tudo quanto quizerem, que o meu espirito prendeu-se ao facto impressionadissimo. E' que são factos da ordem d'aquelles que fazem mal a gente vel-os ou lel-os, mórmente quando se tem uma dóse de impressionabilidade, como eu.

Uma mulher, que se mata porque está desgostosa da vida, ou tem um fim, que é acabar com uma conza, que lhe aborrece, ou dar começo a outra, que lhe não aborreça tanto; em ambos os casos é mudar de vida.

E se a tal senhora, que o fez como dizem os atrasados noticiários, tinha a sua vida um tanto fresca, dou d'aqui os meus emborns por tão justo e salutar alvitre: o ter mudado de vida, ou pelo menos por tel-o tentado fazer.

Somente devia esperar pela cremação: a vida fresca daria um fim quente.

KIT.

Dialogo

- Não vais hoje ao Cassino?
- Deus me livre!
- Porque?
- Porque não estou para apanhar uma photographia e uma biographia do beneficiado Posser. Os tempos não estão para graças.
- Tens razão.

Cavaco entre actores:

- Vio. — A Apolloniá vai muito bem no Remorso
- Pudera, foi ensinada!
- Por quem?
- Ora por quem pela Lucinda.
- E quem ensinou a Lucinda?
- O actor Simões.
- Ah!
- Ih!
- Oh!

Noticiario



redacção do *Besouro* está restabelecida dos achaques que lhe sobrevieram á importante saude. Nem a cremação nem o Caetano conseguiram metter-lhe medo.

Os jornaes da semana finda noticiaram tres raptos de tres menores: um repto de raptos.

O que porém não disseram é que Maria Procopio não foi uma das raptadas; é que Maria não só é maior como... como nada.

Caetano—o vate—disse-nos pelo *Jornal* que Caetano-o-escrivão nos mandou por engano um volume das Folhagens.

Pudera! Se é dos enganos que vivem os escrivães.

Deixou de fazer parte dos vivos o *Diario do Rio Junior*.

Dão como causa do prematuro passamento as doses de colonisação e enigração dadas ao pobre *Junior* pelo Sr. Augusto de Carvalho.

Não se alimenta uma creança de 7 mezes com carne assada e pirão.

Diversos *petit-maitres*, *dilletanti* do lyzyco, chics do trinque, como diz o Sr. Augusto de Castro, foram vistos hontem na praça do mercado a comprar alguns cestos de ovos.

Quer nos parece que tambem a Sr.^a Bianchi Florio vai ter sua oração!...

O Sr. João de Almeida *reporter* do *Cruzeiro*, pede-nos para informar o publico de que S. S.^a estava, ha quinze dias, muito bem informado acerca da viagem do Sr. Sinimbá a Cataguazes. Só não deu noticia por ter prometido ao presidente do conselho guardar inteiro silencio.

Outrosim disse-nos S. S.^a que a respeito de quaesquer noticias acontece-lhe sempre o mesmo. A sua divisa é—saber e calar.

Não se póde negar que o Sr. João de Almeida é um andarilho discreto.

O vate Caetano acaba de ser novamente enganado pelo escrivão Caetano, e d'ahi resultou que S. S.^a mandasse levar para o palco da Phenix tres molhos de *mangerona*, comprados na Praça do Mercado para tempo da sopa.

Já é enganar-se: mandar levar a artistas o que é digno de cosinheiros!

Quousque tandem Caetano?

Já goza da ventura de assignar este—o restabelecido

KARLO MELLO,
noticiariista.

P. S. — Está reconhecida esta firma pelo vate escrivão Caetano.

K. MELLO.



EURICO E MIGUEL ANGELO.
(SUCESSO DA SEMANA)

ISTO SÃO DOIS BOTOS PARA A
ARMADURA

Miguel Angelo (Eurico) spara no libreto os golpes que lhe atiram; se lhe despoçarem o escudo, fics ainda a armadura. Ao pello é que não lhe chegam; além do escudo e da armadura, tem o merecimento e o trabalho.

Um pedido da amigo: não fique amarrado no Eurico, como Eurico dez annos ao proprio cadaver. Já conquistou louros; não adormeca sobre elles; deixe agora as preoccupações de originalidade e siga a propria inspiração. Quem tem boas azas vôo por si. Nós cá estamos.



POX CHUSA D'ESTES MUIROS DE S. GONCALO SE INCOMODOU UM CRISTAO

Nota. — A proposito de guarda-nepa: quando se gatem não são logo virgins e viris. etc. E' o que desfrutava Euter ao exceder dos costumes.